

## LEITOR-SEMELHANTE: A TRAVESSIA COMUNICATIVA DA SUBJETIVIDADE POÉTICA

Patrícia Monteiro Peixoto

(Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO)

**RESUMO:** Este ensaio se ancora na crença de que existe pertinência, pós movimento anti-subjetivista dos estudos literários, em empreender investigações mais existencialistas acerca do componente subjetivo intrínseco a todo texto literário e veiculado através de quem escreve, tendo como propósito uma travessia comunicativa com o leitor, e como revés a identificação da semelhança no destino. Interessa deixar em aberto a discussão sobre se há de fato uma impessoalidade garantida pelo sujeito lírico, enquanto a própria linguagem poética opera como repositório de memória compartilhada. O componente subjetivo, ainda que eximido da elocução, comunica, através da semelhança, e encontra no destinatário a expressão e a voz. Ademais, também interessa defender que escritas personalistas e confessionais também trazem benefício ao leitor – que extrai da subjetividade em travessia um encontro consigo mesmo e com o outro – e que a impessoalidade na escrita não deveria ser critério para distinguir valor literário.

**Palavras-chave:** subjetividade; estudos literários; semelhança.

Uma questão fundamental, e ao que tudo indica também preterida nos estudos literários, é a possibilidade de fazer distinção entre o “desaparecimento elocutório do poeta”, a que se refere Mallarmé, em *Crise de Verso* (2007 [1998]), de um desaparecimento da subjetividade poética em investidas posteriores. Vê-se que os *mallarmeanos*, por assim dizer, empreenderam grandes esforços para criar uma poesia asséptica quanto aos rastros afetivos e relativos aos desejos humanos. Porém, creditar Mallarmé por todo trabalho de uma ética anti-subjetivista parece um caminho pouco elaborado. Mallarmé defendia uma poesia que falasse por si, uma escrita que aceitasse a imprecisão e a existência do desconhecido e operasse o acaso, em detrimento de um planejamento e organização do verso que a limitasse ou reduzisse em potência. Como se fosse capaz de extrair da linguagem todo o sentido em suspenso, e não pela palavra sólida que se apresentasse, mas pela palavra polissêmica, pelo signo arbitrário. Sua proposição era menos um embargo da subjetividade do que um incentivo de expansão dos significados e da leitura múltipla dos *interregnos* e da virtualidade poética.

É certo que, no período correspondente ao final do século XIX, a filosofia coloca em dúvida o *sujeito empírico* da literatura, e entra em voga uma *Crise do sujeito*, momento em que a carga de expressão não deve mais ser indicativa da reprodução do que vive ou sente o poeta. “O caminho a ser seguido passa a ser o da despersonalização, defendido por Baudelaire, Rimbaud, Ezra Pound, T.S. Eliot. Este último, em seu ensaio ‘A tradição individual’ (1920/1997) afirma que a poesia deve ser ao mesmo tempo confessional e impessoal” (DE CAMARGO; FERRO,

2017, p. 133). Contudo, da separação do sujeito empírico, permanece um sujeito lírico, que se dá ao mesmo tempo perto e longe – nunca se sabe com certeza – daquele que escreve. O componente subjetivo não deixa de existir, mas fica latente, na elocução do próprio poema, como um paradigma.

Marcos Siscar, no ensaio “João Cabral de Melo Neto e o drama da destinação”, aponta para a problemática da ideia da Crise do sujeito, dado que a teoria ignora as manifestações de um sujeito *contraditório* nas obras modernas, ao ter a despersonalização como modelo de época. Além de também condenar a poesia contemporânea ao ter de assumir a abstenção do sujeito como um *ápice* da técnica, que deva ser continuada pelas obras que vem em diante. Sendo assim, se faz pertinente a melhor análise acerca da complexidade da *noção de sujeito* que está em questão, para além da tradição antilírica. O crítico pontua que “um argumento frágil é considerar que a complexidade na relação com o sujeito [...] coincida com um enfraquecimento da capacidade crítica (ou, alternativamente, do *valor literário*) da produção poética contemporânea” (SISCAR, 2018, p. 612). Já que esta, por sua vez, adota um movimento de possibilidade à abertura gerada pelo desejo na escrita.

Trata-se, portanto, como Siscar indica, de dois projetos de escrita distintos quanto à escolha pela anti-subjetividade ou pela entrada subjetiva, com pretensões de encontro com destinatários (leitores) também muito distintos, em um outro tempo. João Cabral de Melo Neto é o poeta brasileiro de maior referência no posicionamento em favor de uma poesia racionalista, objetiva, “construtiva”. Tinha críticas contundentes à ideia de um poeta inspirado por sua experiência. Porém, mesmo para ele, é possível dizer que uma coisa é o seu projeto de escrita categórico, outra é a sua obra. “A ideia de um intelectualismo que exclui o sujeito é uma ideia pré-analítica”, escreve Siscar (2018, p. 611).

A discussão sobre os projetos de abstenção do sujeito diz também sobre sua finalidade. O *drama da destinação*, a que se refere Siscar, tem a ver com a pretensão (ambiciosa) de um poeta para o destino de seu discurso. João Cabral priorizava a dimensão coletiva da literatura e se preocupava em assumir posição na história com sua poesia. Buscava mapear questões sociais e sanar uma necessidade histórica do seu leitor. Para ele, este leitor a quem quer se reportar não se beneficiaria de uma escrita personalista, individualista. Cabral “é herdeiro de um processo associado às grandes utopias do século XX [...], nos anos pós-guerra”

(2018, p. 614). Supostamente, uma poesia engajada e impessoal teria mais relação com o outro.

No entanto, apesar de todo empreendimento da poética racionalista, construtivista e também da experimental poesia concreta, é difícil negar que o discurso poético é, muitas vezes, reconhecido e *transmitido* por sua essência subjetiva. A poesia contemporânea ainda é encarada como atividade de um sujeito afetivo que por olhar e por criar, imprime-se em um discurso, seja ele da ordem do sentimento, da experiência, da encenação da arte ou da percepção da realidade. E o que se apresenta como resultado é também, além de intertexto e extrato da cultura, uma forma expressiva da subjetividade, dado que o poeta é o *corpo* que canaliza e veicula a linguagem em travessia para o leitor.

Segundo Silviano Santiago, em *Singular e Anônimo* (1986), a linguagem poética existe em estado de constante travessia para o outro, e opera pelo chamamento do leitor a este encontro. O destinatário é sempre singular, porque não é possível entendê-lo por uma universalidade, e também é anônimo, porque não é distinguível em sua personalidade. Mesmo assim, “a linguagem poética nunca exclui o leitor” (SANTIAGO, 1986, p. 97), sempre pressupondo-o, e para tal é necessário haver o entendimento de que cada leitura será particular e nem todo leitor irá se relacionar e se apropriar, como um ideal, a cada poema.

Ana Cristina César fazia bom uso deste entendimento, e refere-se a sua geração, dos poetas marginais, como “anticabralina por excelência”. Porque, além da vontade disruptiva em relação às vanguardas poéticas, congruente a seus contemporâneos, ela é uma poeta que faz uma revisão do papel da subjetividade (e do prosaico) no endereçamento ao público – movimento que Marcos Siscar chama de *Retorno ao sujeito*. Ana Cristina forja um ambiente íntimo, do relato e das percepções, das confissões. Quanto ao risco que essa dinâmica subjetiva da poesia apresenta de cair em um hermetismo, pode-se dizer, como Santiago sugere, que o leitor curioso fica a cargo de uma leitura que faça jus, interpretando a seu modo a efusão de significados liberada por essa travessia. O poema tem seus protocolos de leitura, que dependerá mais do destino que do remetente. Ler é se relacionar com o poema. Ouso dizer ainda que ler é encontrar o extrato de subjetivo para aproximar-se, identificar-se e apropriar-se do escrito. “Uma bela interpretação, vistosa como roupa domingueira, o é graças à habilidade que teve o intérprete em

camuflar os becos sem saída que, no entanto, apontaram para o bom caminho finalmente trilhado” (SANTIAGO, 1986, p. 98).

Não à toa proponho entrelaçar a ideia de uma subjetividade mais complexa, como propriedade humana e por isso da linguagem, e que viaja como semelhança, e habita em um só tempo produção e recepção, embora com maior foco no destino. Para Roland Barthes (2004 [1967]) em “A morte do autor”, assim como para Mallarmé, a força expressiva encontra-se na linguagem e não em quem a profere. Atribuir o texto ao autor seria encerrar sua escritura e, portanto, suas múltiplas possibilidades de leitura também. Propõe uma neutralidade na linguagem poética, antes de entender que tal imparcialidade não é exatamente possível por parte do autor, quando o próprio interesse pelo objeto já é enviesado pelo sujeito engajado que se debruça sobre ele. Ana Cristina César trai o princípio de neutralidade em seus procedimentos estéticos. Porém essa neutralidade se realiza, mesmo no âmbito de uma linguagem poética subjetiva, justamente pela possibilidade de seus símbolos serem ressignificados pela apropriação do destinatário.

Silviano Santiago endossa que do lado do intérprete, a compreensão se dá pelo *simulacro* do poema lido, uma versão do mesmo que resulta não da relação entre autor e leitor, mas da relação do leitor com o próprio poema, que lhe extrai um caráter menos ambíguo, “interrompendo num ponto-de-parada a travessia infinita” (1986, p. 99). Existe um acordo interpretativo nisto, de uma linguagem poética que é abrangente e incompleta e que não se restringe a um único entendimento subjetivo e por isso mesmo convém às diversas imaginações restritivas. O encontro entre autor e leitor se dá mais pela via do desejo subjetivo da feitura à interpretação, na versão do poema original que pertence apenas ao poeta e a versão do simulacro que pertence apenas ao leitor. Ana Cristina César destaca que a importância do processo literário se dá quando ela gostou de escrever o poema e o leitor gostou de lê-lo. Tais impressões exigem o trabalho de ambos os lados. Todo poema tem seu destinatário em algum lugar, o leitor de Baudelaire, de T.S. Eliot, e de Ana Cristina César: “hipócrita, semelhante e irmão”.

Personificado passageiramente com o nome próprio, o leitor avança um desejo, isto é, projeta-o como dominante e asfixiante do objeto, daí que a percepção do processo de leitura por parte do poeta seja sempre vista como castração no potencial das ambiguidades, das dissonâncias, dissonâncias estas que alimentam a perenidade do poema. O poema, nessa marcha e contra-marcha, passa a dar corpo e voz ao desejo do outro, do semelhante e irmão, hipócrita. Como dar corpo ao desejo de todos? Não é tornar indiferenciado o que, por definição é singular? (SANTIAGO, 1986, p. 100)

Ler a partir do próprio desejo é aproximar-se subjetivamente, buscando identificação. A subjetividade será partilhada na leitura justamente se esta última não se limitar à procura pela alteridade do poeta, mas empreender seu próprio ponto de chegada no percurso natural da linguagem poética em travessia. Ao contrário de uma dimensão hermética, e, portanto, fechada, que seria efeito da tentativa de desvendar o outro, toma-se posse da linguagem a partir da própria instância subjetiva pela identificação com o teor passional no poema (de Ana C, por exemplo). Disto influi um ponto chave da proposição deste ensaio que é a conclusão de que “o passional no poema não é simples efeito de confissão [...] tudo que está [ali no poema], já está em você, só que você não sabia” (1986, p. 104). É pertinente reafirmar, se já ficou claro, com as palavras de Silviano Santiago, que “os sintomas e os dados biográficos existem, mas – quando em travessia pela linguagem poética – são os de todo e qualquer, porque o poema consegue falar para o singular e o anônimo, desde que este tenha a coragem de ser leitor” (1986, p. 104).

Trago um poema que, pela dimensão subjetiva do discurso, faz de mim leitora-semelhante. *Tabacaria*, de Fernando Pessoa (Álvaro de Campos) – quem também escreve os famosos e elucidativos versos “o poeta é um fingidor/finge tão completamente/que chega a fingir que é dor/a dor que deveras sente” –, o maior mestre do caráter singular e anônimo da literatura. Tendo sido difícil a tarefa de escolher apenas uma estrofe:

[...]  
Fiz de mim o que não soube  
E o que podia fazer de mim não o fiz.  
O dominó que vesti era errado.  
Conheceram-me logo por quem não era e não desmenti, e perdi-me.  
Quando quis tirar a máscara,  
Estava pegada à cara.  
Quando a tirei e me vi ao espelho,  
Já tinha envelhecido.  
Estava bêbado, já não sabia vestir o dominó que não tinha tirado.  
Deitei fora a máscara e dormi no vestiário  
Como um cão tolerado pela gerência  
Por ser inofensivo  
E vou escrever esta história para provar que sou sublime  
[...]  
(ÁLVARO DE CAMPOS, 1951)

Finalmente, quero citar de maneira breve o filósofo Walter Benjamin, em seu ensaio “A doutrina das semelhanças”, que diz: “Mas é o homem que tem a capacidade suprema de produzir semelhanças” (1985, p. 108). Segundo ele, a

linguagem é um cânone de semelhanças entre os homens, e por consequência sua forma poética, a literatura. E essa dimensão (de semelhanças, de extrato subjetivo) não se desenvolve sem a dimensão semiótica. O que o autor, consciente ou inconscientemente, deposita em seu discurso, a partir de uma correspondência quase mágica pela identificação, o leitor por seu lado resgata. Essa dimensão da semelhança é a razão pela qual existe a travessia poética, o leitor sempre precisará recorrer a ela se “não quiser sair de mãos vazias” (1985, p. 113).

## Referências bibliográficas:

BARTHES, Roland. A morte do autor. In: **O rumor da língua**. Tradução Mário Laranjeira. 2.ed. São Paulo: Cia das Letras, 2004 [1967], p. 57-64.

BENJAMIN, Walter. A doutrina das semelhanças. In: **Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaios sobre literatura e História da cultura, volume I. Série: Obras Escolhidas**, 4ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1985. p. 108-113.

CAMPOS, Álvaro de. Tabacaria. In: **Poesias**. Lisboa: Ática, 1951.

DE CAMARGO, G. de F. O., & FERRO, L. C. e S. (2017). Os entre-lugares da subjetividade na poesia de Armando Freitas Filho. **A Cor Das Letras**, 8(1), 131–142. Disponível em: <https://doi.org/10.13102/cl.v8i1.1571>

MALLARMÉ, Stéphane. Crise do verso. Tradução Ana Alencar. In: **Inimigo Rumor: revista de poesia**, nº 20, 2007. MESCHONNIC, Henri. *Oralité, clarté de Mallarmé*. Europe (Stéphane Mallarmé), n. 825-826, 1998.

SANTIAGO, Silviano. Singular e Anônimo. In: **O Eixo e a Roda**, (5), 95-105. Belo Horizonte, 1986.

SISCAR, Marcos. **João Cabral e a poesia contemporânea: O drama da destinação**. Texto Poético, ISSN: 1808-5385, v. 14, n. 25, p. 610-616, jul/dez. 2018.